

A segunda namorada

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

Para que serve a segunda namorada?

É a partir dela que o menino, ainda adolescente, sente, em fulgor vulcânico, que já é adulto, embora ainda não o seja.

Dela brotam todas as flores que ainda não haviam nascido no colo da primeira namorada.

Sua presença na vida do menino é decidida, decisiva, decisória.

Se ela falar alguma coisa, então, o destino do menino jamais será o pretendido.

Seu destino estará mudado para sempre.

A segunda namorada é a única que ao chegar à janela ilumina a lua.

É da segunda namorada que brota o lirismo. E a flor perfumada do pântano.

Prolífica em ineditismos e surpresas dela brota, também, o inesperado e o arrepio total.

E por vocação da segunda namorada a alma do menino-adulto, nem menino nem adulto, voa.

É o voo inaugural da alma.

Sem ambos saberem, nasce, com o nascimento da alma, a ideologia.

É com a segunda namorada que se firmam o amor eterno e o eterno amor.

É neles que a revolução troca suas fraldas. Ela é a musa e a música das valsas vienenses e marchas militares.

E a segunda namorada, por amor, entrega solenemente ao menino-adulto a cartilha da revolução com fraldas coloridas.

Seu gesto é o parto da nova pessoa.

Seus pés são abridores de caminhos que o menino-adulto, nem menino nem adulto, mede e segue.

A geografia dos corpos nasce com a segunda namorada. Nela se conhecem e se reconhecem as montanhas, os vales, os rios, os mares e as cavernas. Nos mapas das peles e dos toques surgem os grandes maremotos e as calmarias.

Tempestades e erupções vulcânicas são entremeadas com o silêncio suavemente ruidoso das florestas.

E nas frestas das festas geográficas a calma das bocas permite as palavras revolucionárias.

Pipocas e granadas, balas de hortelã e balas de fuzil, tornam-se o cardápio da dieta sonhadora da mudança.

Com a segunda namorada o mundo sujo é passado a limpo.

Tudo o que deve ser feito deverá ser obrigatoriamente feito,

mesmo que o tempo do amor recíproco seja menor que o tempo do amor pela revolução.

Vestidos para a guerra, a segunda namorada e o menino-adulto, nem menino nem adulto, saem armados e despojados para as grandes batalhas contra o preconceito, a discriminação, a covardia, a opressão, a exploração, a miséria, a fome...

...e contra o deboche, o escárnio e o desprezo que sustentam a desgraça humana.

Entre tudo o que deve ser feito e o que deverá ser obrigatoriamente feito, faz-se a pausa.

A pausa da criação do grande amor, da solidariedade, do companheirismo e da fidelidade com a ética e a estética das pessoas simples e trabalhadoras que criam e sustentam o mundo.

Para tudo isso, embora ainda tão pouco, serve a segunda namorada.

Para ser trilha, mão aberta, braço e abraço forte, beijo na boca que fala as palavras certas da indignação e do movimento que lhe dá sentido para se contrapor.

A segunda namorada é, foi, ou poderia ser uma pessoa de carne e osso, mas sempre será a definitiva, se não for em carne e osso.

É nela que se encontra a inspiração para sermos tudo o que não devemos ser se a gente não honrar o menino que seja capaz de transformar as coisas perversas e injustas do mundo.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.